BN
2583
M.

B. A. 16552

ORQUESTRA FILARMÓNICA
DE
LISBOA

PATROCINADA
POR
SUA EXCELÊNCIA O
MINISTRO DA EDUCAÇÃO NACIONAL

SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS
(Fundo do Desemprêgo)

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
E
INSTITUTO PARA A ALTA CULTURA

M/2583

GRUPO DOS AMIGOS DA ORQUESTRA FILARMÓNICA DE LISBOA

COMISSÃO DE HONRA

Dr. Afonso Lopes Vieira
Dr. Alfredo Pinto Sacavém
António A. Vasconcelos Corrêa
Augusto Brandão
Dr. Hipólito Raposo
Dr. Leonardo de Castro Freire
Arq. Raul Lino
Dr. Reinaldo dos Santos
S. Seruya

COMISSÃO ADMINISTRATIVA

Presidente — D. Maria Christina Lino Pimentel
Vice-Presidente — Eng. João Queriol
Tesoureiro — Dr. Teixeira de Miranda
Vogal — Victor Augusto Amâncio

TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

29 de JANEIRO de 1943

Às 21,45 horas

DEP. LEG.

ORQUESTRA
FILARMÓNICA
DE
LISBOA

A.152292

DIRECÇÃO

DR. IVO CRUZ

1.ª SINFONIA — em mi b . . . . . *Bomtempo*

Largo — Allegro vivace

Minuetto

Andante sostenuto

Presto

VARIAÇÕES SINFONICAS . . . . . *César Franck*

Solista: Prof.ª MARIA CHRISTINA LINO PIMENTEL

MOTIVOS LUSITANOS . . . . . *Ivo Cruz*

A voz da Raça

Nessa Manhã de Nevoeiro...

ABERTURA DOS «MESTRES CANTORES» *Wagner*

Piano BECHSTEIN da Casa Valentim de Carvalho

NOTAS

e análise musical

pelo prof. EDUARDO LIBÓRIO

DR. IVO CRUZ

Levado pela convicção de que Portugal, possuïdor de uma escola de pintura, dum génio poético e criador, duma arquitectura nacional, não podia deixar de contar no activo do seu património uma tradição musical, o dr. Ivo Cruz iniciou, em 1921, investigações nos arquivos públicos e particulares que levaram a descobertas e a conclusões do maior interêsse para a génese da escola portuguesa.

Em 1923 fundou o «Renascimento Musical» que visava trazer para o campo da música as conclusões doutrinárias do nacionalismo português, partindo do princípio de que a nossa personalidade musical contemporânea está condicionada no conhecimento dos velhos mestres que mantiveram através de séculos uma fisionomia comum, reflexo de elementos permanentes e imutáveis existentes no fundo da Raça.

Numa série de concertos, a evolução da música portuguesa, dos trovadores aos contemporâneos, Rodrigues Coelho, Seixas, Sousa Carvalho e Bomtempo, constituíu uma revelação para nacionais e estrangeiros. Êste movimento do «Renascimento Musical» teve conseqüências que o tempo ampliará. Wanda, Landowska, Marcelle de la Cour, Piatigorsky e outros, bem como estações estranjeiras de Rádio, incluíram os nossos mestres setecentistas nos seus programas. Relacionado com o cravista inglês Kastner, forneceu lhe manuscritos que, por iniciativa dêste musicólogo, correm hoje o mundo editados pela casa Scott.

Em 1931, organizou a Sociedade Coral de Duarte Lôbo, com carácter permanente. A cultura nacional deve a esta iniciativa, 7 audições da «Paixão segundo S. Mateus» de Bach, 5 do Requiem de Mozart, 5 da Nona Sinfonia de Beethoven, 7 do Requiem de Berlioz, o «Orfeu» de Monteverdi. «As estações», de Haydn, um concêrto dedicado à música coral portuguesa, clássica, romântica e moderna (Francisco António de Almeida, Seixas, Sousa Carvalho, Joaquim Casimiro e Sampaio Ribeiro), as Danças Guerreiras de Borodine, coros dos Mestres Cantores de Wagner, obras de Schubert, de Grieg, de Alfredo Napoleão, um Festival Wagneriano, um Festival Russo, etc.

Num país em que as iniciativas dependentes dum esfôrço colectivo exercido com continuïdade sossobram, a Sociedade Coral de Duarte Lôbo, possuída duma elevada noção de finalidade social, cultural e nacional, tem exercido em doze anos de actividade, animada por profunda mística, um papel de conjunto na vida musical portuguesa.

Em 1933, com a fundação da Orquestra de Câmara de Lisboa, introduziu em Portugal as novas correntes de regresso ao classicismo que informam o movimento de renovação dos grandes centros do estrangeiro. Muitas foram as obras e os autores anteriores a Beethoven revelados por êste agrupamento.

Organizada a Emissora Nacional, foi convidado a dirigir a Orquesta de Câmara, cargo que exerceu um ano.

Ultimamente fundou a Orquestra Filarmónica de Lisboa, que exerce intensa actvidade, subordinada à mesma orientação social e cultural da Sociedade Coral de Duarte Lôbo e integrada no pensamento de renovação nacional que orienta os melhores portugueses de hoje. Merece

destaque o concêrto consagrado aos setecentistas portugueses, realizado a convite da Universidade de Coimbra, durante as festas do Centenário.

Foi director dos concertos do Museu-Biblioteca do Conde de Castro Guimarãis e organizador de numerosos concertos de música portuguesa, alguns dos quais em congressos internacionais levados a efeito em Lisboa. Fêz parte da comissão nomeada para elaborar a reforma do Conservatório Nacional, de que é actualmente director, e faz parte do Instituto para a Alta Cultura. Há vários anos representa os músicos como presidente da antiga Associação e do Sindicato Nacional, de que foi organizador, e é procurador à Câmara Corporativa.

Como compositor escreveu diversas obras para piano, lieder, uma Sonatina para piano e violino «Nocturnos da Lusitânia» e «Motivos Lusitanos», para orquestra, «Vexilla Regis» e «Soneto de Amôr» para soprano e orquestra, etc.

Colaborou como crítico musical em vários jornais e publicou estudos na «Nação Portuguesa», «Revista Portuguesa» e «Estudos Portugueses».

MARIA CHRISTINA LINO PIMENTEL

Maria Christina Lino Pimentel mantém com brilho as tradições de uma família de distintos artistas. Vivendo em ambiente de requintado gôsto, desde muito cedo manifestou decidida vocação para a arte musical. Discípula de Rey Colaço — de quem foi aluna dilecta — e de Viana da Motta — com quem terminou o curso superior no Conservatório Nacional — Maria Christina Lino Pimentel obteve em seguida o Prémio Beethoven, após concurso brilhantíssimo. É actualmente professora do Conservatório Nacional, tendo-se feito ouvir em numerosos concertos, dos quais salientamos o recital no «Collegium Musicum», a apresentação na Sala Salazar da Universidade do Pôrto, nas ilustrações musicais da conferência realizada pelo dr. Ivo Cruz, as execuções dos Duplos Concertos de Bach e Mozart com a colaboração de Helena Moreira de Sá e Costa e a Orquestra Sinfónica da Emissora sob a direcção do maestro Fernando Cabral, nos Teatros de S. Carlos e do Ginásio. O êxito triunfal que sempre alcançou nos seus concertos e recitais dá-lhe um dos primeiros lugares entre os virtuosos de tecla.

Maria Christina Lino Pimentel pode colocar-se entre os concertistas que sobrepõem à parte mecânica e material da execução a técnica pròpriamente dita, viva, consciente, humana, que ultrapassa a virtuosidade e o domínio da forma exterior para penetrar na essência íntima, na natureza espiritual das obras que interpreta. É uma grande artista — no mais elevado sentido do têrmo.

DOMINGOS BOMTEMPO

1775 — 1842

A Domingos Bomtempo, compositor português contemporâneo de Beethoven, se deve a introdução do estilo sinfónico clássico em Portugal. A sua primeira sinfonia, composta em 1809, foi apresentada em Paris em Janeiro do ano seguinte causando a melhor impressão no público e merecendo da crítica a seguinte apreciação: *«Basta ter-se ouvido a sua primeira Sinfonia para o pôr já na ordem dos mais célebros compositores»*.

* * *

O material orquestral da Sinfonia em mi b. é idêntico ao das primeiras sinfonias de Beethoven, com excepção dos clarins, e ao das últimas sinfonias de Haydn e Mozart: flautas, oboés, clarinetes, fagotes, trompas, timpanos, violinos, violas, violoncelos e rabecões. Lembremos que Mozart dispensa os clarinetes na última sinfonia, a «Jupiter», e que Beethoven também não emprega clarins nalgumas das suas obras sinfónicas de maior envergadura, por exemplo na «Oitava Sinfonia» composta em 1812, depois da primeira audição da Sinfonia de Bomtempo que a Orquestra Filarmónica executa hoje.

O primeiro andamento abre com uma introdução lenta, de vinte compassos, com suspensão no acorde da dominante. Segue-se o «Allegro vivace», com o tema principal apresentado primeiro nos violinos e em seguida nas flautas. A frase que ocupa o lugar do segundo tema, em si b, confiada à flauta, apresenta-se, na reexposição, no clarinete.

O «Minueto» tem a forma de Scherzo, com predominio dos instrumentos de madeira no «Trio» central.

No «Andante sostenuto», o tema, exposto nas cordas com um período médio nos instrumentos de sôpro, é precedido de três acordes atacados em «tutti» sôbre as funções tonais de tónica, sub-dominante e dominante. Pelo seu carácter lírico e profundamente expressivo, êste andamento é um dos mais belos da Sinfonia.

No «Presto» fical, o autor emprega a forma ditemática e ternária dum andamento inicial de «Sonata». Ao primeiro tema, em mi b. exposto nos primeiros violinos e nos violoncelos, segue-se curta «ponte» modulante, a si b, e o tema secundário, colocado na flauta e nos violinos. Como no primeiro andamento, os clarinetes apresentam o segundo tema na reexposição, terminando o «Presto» com um «tutti» brilhante.

CÉSAR FRANCK

1822 — 1890

César Franck empregou de preferência, na música instrumental pura, o processo cíclico, equivalente ao do *Leitmotiv* no drama lírico, e que consiste na derivação dos motivos de uma obra em várias partes de certas raízes ou células temáticas geradoras. O perfeito equilíbrio das suas composições, em que manifesta absoluto domínio da técnica construtiva, resulta porém, essencialmente, da harmonia e da unidade interior, mais psicológica do que formal, que o processo cíclico, por si só, não pode determinar.

As Variações Sinfónicas, escritas em 1885, e dedicadas a Luiz Diémer, não seguem o plano clássico da forma, com as habituais reexposições variadas de uma frase exposta no início da peça. O tema duplo, formado por duas secções de carácter contrastante — uma, rítmica, enérgica e viril no «quatuor»; outra, melódica e feminina, no piano, é exposto em longa Introdução, primeiro reduzido aos seus elementos essenciais, depois com maior desenvolvimento.

Após nova exposição da frase principal, seguida de variações, reaparece o segundo elemento do tema, também desenvolvido, que conduz à última parte da obra: em fá sustenido maior, os dois elementos temáticos são reexpostos com amplificações e em andamento animado.

IVO CRUZ

Os quadros sinfónicos, «A Voz da Raça» e «Nessa Manhã de Novoeiro... foram escritos na Alemanha, quando Ivo Cruz frequentava» o curso de musicologia da Universidade de Munique, depois de ter estudado em Portugal com os professores Timóteo da Silveira — piano — e Tomaz Borba — harmonia — na Academia de Amadores de Música. Obtida a formatura em Direito na Universidade de Lisboa, Ivo Cruz completou os estudos de contraponto, e composição e regência com Richard Mors, e freqüentou, nas aulas práticas das «Trappsche Musik Schule», a classe de direcção de orquesta do prof. August Reuss. Na Universidade de Munich seguiu os cursos de Estética e de História da Música dos prof. Lorentz e von der Pforden.

Datam dessa época as obras que figuram neste programa, e que em Lisboa já foram ouvidas há cêrca de quinze anos, pela Orquestra Sinfónica dirigida pelo maestro Fernandes Fão, num festival organizado pelo «Renascimento Musical» no teatro do Ginasio. «A Voz da Raça» e «Nessa Manhã de Nevoeiro... fazem parte da «suite» orquestral intitulada «Motivos Lusitanos,» série de 4 peças de caracter acentuadamente nacionalista. No quadro sinfónico «Nessa manhã de nevoeiro», evoca-se a figura simbólica de D. Sebastião, o rei cavaleiro que ha de voltar «numa manhã de Nevoeiro» Ouvem-se ao longe toques heróicos de clarins. Depois, surge um motivo de névoa que pouco a pouco se transfigura em canto de júbilo e de triunfo.

RICARDO WAGNER

1813 — 1893

Os «Mestres Cantores de Nuremberg», representados pela primeira vez em Munique, em 1868, pertencem à última época do estilo wagneriano, em que o compositor substitui a forma clássica da melodia pela «palavra cantada»— Sprechsingen — e dá à orquestra a parte mais importante do trabalho temático. O «Tannhauser», o «Lohengrin», o «Anel dos Nibelungos» o «Parsifal», numa palavra, todos os dramas musicais de Wegner, foram inspirados em antigas lendas, em velhos mitos reconstituidos e transformados pelo gênio criador do artista. Nos «Mestres Cantores» essa atmosfera de sonho, de lenda, desaparece e dá lugar a uma comédia musical que é, ao mesmo tempo, um canto de triunfo à vida e ao amor.

A acção passa-se em Nuremberg, no século XVI.

A corporação dos «Mestre Cantores» constituía então uma espécie de Sindicato opôsto a qualquer inovação do domínio da arte musical e mantinha com rigor as velhas fórmulas consagradas pela rotina.

São três os principais personagens da comédia: Hans Sachs, que é, aliás, uma figura histórica, representa o bom senso popular, é o apóstolo da arte poética no seu mais alto sentido,— no seu sentido humano. Beckmesser o «marcador de faltas», pedante e mesquinho, é o espírito intolerante que não consente a mais pequena infracção à regra estabelecida. Walther, terceiro personagem dos «Mestres Cantores»; incarna o génio da poesia lírica, com a sua mocidade em flor.

A Abertura dos «Mestres Cantores de Nuremberg» construída sôbre cinco «motivos condutores» principais, constitui o resumo da acção dramática da comédia e possui significado filosófico que transcende os limites duma simples introdução instrumental.

Entre o motivo condutor dos «Mestres Cantores»» pesado e pompôso, e o do «Estandarte» de carácter heraldico e cheio de nobreza, surge o tema do «Amor», mais discreto e docemente expressivo. Depois de longo desenvolvimento, aparece outra frase de importância capital, destinada a desempenhar papel notável no decurso da comédia: o motivo da «Paixão declarada». Por fim, como último tema da Abertura, a orquestra expõe a frase característica do «Ardor impaciente» de Walther. O trabalho temático sôbre os motivos condutores dos «Mestres Cantores», do «Estandarte» e da «Paixão declarada» indica qual será o desfecho da acção: aliança da arte erudita dos antigos mestres cantores com a arte espontânea de Walther. Além do seu admirável simbolismo temático, esta «Abertura» contém belezas de ordem puramente musical que a colocam entre as melhores páginas de toda a literatura sinfónica wagneriana.

EDUARDO LIBÓRIO

Imp. Lucas & C.ª — 500 ex. 29-1-1943